

A decadência do Ocidente

Escrito por Indicado en la materia
Domingo, 01 de Junio de 2014 09:49 -

Por Mário Vargas Llosa.-

Mesmo que aparentemente os partidos tradicionais –populares e socialistas– tenham vencido as eleições ao Parlamento Europeu, ambos perderam muitos milhões de votos e o fato central dessa eleição é a irrupção torrencial em quase toda a Europa de partidos de ultradireita ou de ultraesquerda, inimigos do Euro e da União Europeia, que querem destruir para ressuscitar as velhas nações, fechar as fronteiras à imigração e proclamar sem rubor sua xenofobia, seu nacionalismo, sua filiação antidemocrática e seu racismo. Que haja matizes e diferenças entre eles não dissimula a tendência geral de uma corrente política que até agora parecia minoritária e marginal e que, nessa disputa eleitoral, demonstrou um crescimento espetacular.

Os casos mais emblemáticos são os da França e da Grã-Bretanha. A Frente Nacional de Marine Le Pen, que até poucos anos era um grupelho excêntrico, agora é o primeiro partido político francês –não tinha nenhum deputado europeu e agora tem 24– e o UKIP, Partido da Independência do Reino Unido, depois de derrotar conservadores e trabalhistas tornou-se a formação política mais votada e popular do berço da democracia. Ambas as organizações são inimigas declaradas da construção europeia, querem enterrá-la e ao mesmo tempo acabar com a moeda comum e levantar barreiras inexpugnáveis contra a imigração, que consideram responsável pelo empobrecimento, o desemprego e o crescimento da delinquência em toda a Europa ocidental. A extrema direita venceu também na Dinamarca, na Áustria os eurofóbicos do FPÖ alcançaram 20%, na Grécia o ultraesquerdista antieuropeu Syriza ganhou as eleições e o Partido neonazista Amanhecer Dourado (que teve 10% dos votos) mandou três deputados ao Parlamento Europeu. Catástrofes parecidas, mesmo que em porcentagens algo menores, ocorreram na Hungria, Finlândia, Polônia e demais países europeus onde o populismo e o nacionalismo também aumentaram sua força eleitoral.

Os movimentos antissistema podem enterrar, mais cedo ou mais tarde, a União Europeia

A decadência do Ocidente

Escrito por Indicado en la materia
Domingo, 01 de Junio de 2014 09:49 -

Alguns comentaristas se consolam afirmando que esses resultados indicam um voto de raiva, um protesto momentâneo mais do que uma transformação ideológica do velho continente. Mas como está claro que a crise da qual resultaram os altos níveis de desemprego e a queda do nível de vida levará ainda alguns anos para ficar para trás, tudo indica que a virada política que essas eleições mostraram, ao invés de ser passageira, provavelmente durará e talvez se agrave. Com quais consequências? A mais óbvia é que a integração europeia, se não for completamente freada, será muito mais lenta do que o previsto, com quase certeza de que haverá debandada entre os países membros, começando pelo britânico, que já parece quase irreversível. E, acossada por movimentos antissistema cada vez mais robustos e operando em seu seio como uma quinta coluna, a União Europeia estará cada vez mais desunida e abalada por crises, políticas falidas e uma contestação permanente que, a curto ou longo prazo, poderiam enterrá-la. Desse modo, o mais ambicioso projeto democrático internacional iria a pique e a Europa das nações crispadas regressaria curiosamente aos extremismos e paroxismos que levaram às matanças vertiginosas da Segunda Guerra Mundial. Porém, inclusive se não se chega ao cataclismo de uma guerra, sua decadência econômica e política seguiria sendo inevitável, à sombra vigilante do novo (e velho) império russo.

Enquanto me inteirava dos resultados das eleições europeias, lia, no último número de *The American Interest*, revista dirigida por Francis Fukuyama (Maio/Junho 2014), uma fascinante pesquisa intitulada *America Self-Contained?* (que poderia ser traduzida como “América ensimesmada?”), na qual uma quinzena de destacados analistas estadunidenses de distintas tendências examina a política externa do Governo do Presidente Obama. As coincidências saltavam à vista. Não porque nos Estados Unidos tenha havido uma irrupção do populismo nacionalista e fascista que poderia acabar com a Europa, mas porque, com métodos muito diferentes, o país que até agora havia assumido a liderança do Ocidente democrático e liberal ia se eximindo discretamente de semelhante responsabilidade para confinar-se, sem traumas nem nostalgia, em políticas internas cada vez mais desconectadas do mundo exterior e aceitando, neste globalizado planeta de nossos dias, sua condição de país destronado e menor.

Os críticos divergem sobre as razões dessa “decadência”, mas todos estão de acordo que ela

A decadência do Ocidente

Escrito por Indicado en la materia
Domingo, 01 de Junio de 2014 09:49 -

se reflete em uma política externa na qual Obama, com o apoio inequívoco da maioria da opinião pública, se livra de maneira sistemática de assumir responsabilidades internacionais: sua retirada do Iraque, primeiro, e, agora, do Afeganistão, depois dos fracassos evidentes, pois em ambos os países o islamismo mais destruidor e fanático continua fazendo das suas e enchendo as ruas de cadáveres. Por outro lado, o governo dos Estados Unidos se deixou derrotar pacificamente pela Rússia e pela China quando ameaçou intervir na Síria para por fim ao bombardeio com gases venenosos feitos pelo governo de Assad sobre a população civil, e não só não o fez como tolerou sem protestar que aquelas duas potências continuassem fornecendo armamento letal à corrupta ditadura. Inclusive Israel se deu ao luxo de humilhar o governo norte-americano quando este, através do empenho do Secretário de Estado Kerry, tentou uma vez mais ressuscitar as negociações com os palestinos, sabotando-as abertamente.

Novas formas de autoritarismo, como as da Rússia e da China, substituíram as antigas

Segundo a pesquisa da *The American Interest*, nada disso é casual e nem pode ser atribuído exclusivamente ao governo de Obama. Trata-se, pelo contrário, de uma tendência muito mais antiga e que, mesmo tendo ficado soterrada e velada por um bom tempo, encontrou, como consequência da crise financeira que golpeou com tanta força o povo estadunidense, a oportunidade de crescer e se manifestar por meio de um governo que se atreveu a materializá-la. Ainda que a ideia de que os Estados Unidos se atrapalhem para solucionar seus próprios problemas e, para acelerar seu desenvolvimento econômico e devolver à sociedade os altos níveis de vida que alcançou no passado renuncie à liderança do Ocidente e a intervir em assuntos que não lhe digam respeito diretamente nem representem uma ameaça imediata a sua segurança seja objeto de críticas entre a elite e a oposição republicana, ela tem um apoio popular muito grande dos homens e mulheres comuns, convencidos de que os Estados Unidos devem deixar de se sacrificar pelos “outros”, entregando-se a guerras caríssimas em que dilapida seus recursos e sacrifica seus jovens, enquanto o trabalho escasseia e a vida se torna cada vez mais dura para o cidadão comum. Um dos ensaios da pesquisa mostra como cada um dos importantes cortes em gastos militares que Obama fez teve o respaldo esmagador da população.

A decadência do Ocidente

Escrito por Indicado en la materia
Domingo, 01 de Junio de 2014 09:49 -

Quais conclusões tiramos disso tudo? A primeira é que o mundo já mudou muito mais do que acreditávamos e que a decadência do Ocidente, tantas vezes prognosticada na história por intelectuais sibilinos e amantes das catástrofes, passou por fim a ser uma realidade de nossos dias. Decadência em que sentido? Antes de mais nada, do papel diretor, de liderança, que tiveram a Europa e os Estados Unidos no passado mediato e imediato, para muitas coisas boas e algumas más. A dinâmica da história já não nasce só ali, mas também em outras regiões e países que, pouco a pouco, vão impondo seus modelos, usos e métodos ao resto do mundo. Essa descentralização da hegemonia política não seria ruim se, como acreditava Francis Fukuyama quando da queda do Muro de Berlim, a democracia liberal se expandisse por todo o planeta erradicando a tradição autoritária para sempre. Infelizmente isso não aconteceu, muito pelo contrário. Novas formas de autoritarismo, como os representados pela Rússia e pela China de nossos dias, substituíram as antigas, e é a democracia que começa a retroceder e a encolher-se em toda parte, debilitada pelos cavalos de Troia que começaram a se infiltrar naquelas que acreditávamos ser cidadelas da liberdade.

EL PAIS; ESPANHA